

COMERCIANTES DO AREIA

Por: Leda Figueiredo Rocha do Lago(IHGPoxoréu/2020)

O Areia era movimentado em todos os sentidos, gente hospitaleira, acolhedora e comércio estruturado. A área comercial também não deixava a desejar, havia de tudo. Naquela época, Sr. Trajano Matos, o maior empresário, tinha um caminhão Mercedes Benz, novo, que Joel, seu filho, buscava mercadorias em Campo Grande. Abastecer o comércio era primordial, porque com a grande clientela que principalmente aparecia nos finais de semana, era necessário ter produtos no bolicho, bom atendimento e um caderninho para anotar os fiados, isto os comerciantes tinham de sobra.

O comércio era outro ponto alto e de destaque no Areia, além de Senhor Trajano, outros comerciantes se fizeram presentes nesse bairro, como: Seu Manoel Coutinho, com o açougue, que além de carne, vendia cal vigem. Manoel Coutinho, antes de ser açougueiro, exerceu a função de delegado de polícia em Poxoréu, Seu Antônio Henrique era outro comerciante forte no bairro. Antônio Henrique era pai de Ritinha, de Creuza e outros. Cearense trabalhador que tinha apreço ao que fazia e não media esforços para atender bem seus clientes.

Outra pessoa muito querida e respeitada, também comerciante no bairro Areia, era Seu Pequeno, pai do dr. Juvenal. Dona Elvira Mendonça Farias, esposa de Flávio Farias, mãe de Zueli, Zirley, Zelinda, Zenaide e Artur, trabalhava e possuía comércio neste mesmo bairro. Dona Elvira era cunhada de dona Miru. Dona Elvira vendia bolos e doces e ainda ajudava o filho Artur na confecção de calças e camisas que eram vendidas por atacado para a loja de Joaquim Coutinho. Ela tinha verdadeiras mãos de fada na arte de fazer doces. Fazia um saboroso doce de coco, que era atração e o deleite de toda criançada. Sem contar que, ao terminar os doces, convidava a criançada da vizinhança para rapar o tacho, entre esse ajuntamento de crianças, estavam Cida Rodrigues, Dorival e outros. Ainda deve ser mencionado, o famoso Posto Texaco, do Mandu e o Dormitório do Bidó.

Os comércios se estendiam, multiplicavam – se, subiam a ladeira, aqui por exemplo, atravessando a ponte, em direção ao Hospital Maternidade, (hospital que pertence ao bairro Areia, uma vez que o bairro iniciava – se no antigo cemitério, hoje, Praça Manoel Dioz, e se estendia em direção a Dom Aquino) ficava Seu Tertuliano que tocava um bolicho e dona Nega vendia bolos. No Areia, também havia quem ganhava dinheiro vendendo arroz, sim, a família de Seu Paraibano tinha máquina de beneficiar arroz, e a população do bairro Areia ia vivendo com o progresso e as belezas do bairro, dentre elas, essa gente do Areia, além de ter o motor que fornecia energia elétrica para a cidade, era de lá também a melhor água servida à população. Essa água era carregada em latas que iam sobre a cabeça das mulheres e dos homens, mas para aqueles que dependessem dela e tivessem dinheiro para recebê-la na própria casa, procuravam o trabalho árduo e constante dos aguateiros, ou seja, os vendedores de água, como: Dorival Soares, Dr. Juvenal e Dr. Érico Pereira eram meninos aguadeiros que vendiam água pelas ruas da cidade. Eles moravam no Areia e colocavam as latas d'água num carrinho de mão feito de caixote ou em lombo de jegue e saíam para vender.

A quantidade de comerciante só aumentava mais. Senhor Martinho, pai do Gilberto, sogro do saudoso Tuta, avô da prof.^ª Lazinha, Lina e bisavô de Yole, era comerciante no Areia, havia sociedade entre alguns comerciantes, como era o caso de João Fernandes, que era sócio do Seu Pernambuco no Dormitório São Cristóvão.

Se no Areia havia garimpos, boas pedras, muita gente e garimpeiros, existiam também os compradores de diamantes, os chamados diamantários: Badim, pai de Valda, e Seu José Otávio da Silva, ou Zé de Ambrósio, pai de Dorival.

A família Bispo se instalara no Areia e um dos membros dessa família tinha um comércio que estava localizado perto do Pereirão. Seu Gumercindo Morbeck era comerciante, morava com dona Eva. Antes, ele foi delegado de Polícia. Gumercindo era um homem sério e competente. Seu Agenor Oliveira tinha um comércio no Areia, no final da Rua Paraíba. As mulheres também se destacavam com suas vendas, como já fora dito acima, mas tivemos no Areia a empresária Dona Filipinha, mulher do Leodoro, ela vendia em casa um saboroso bolo de arroz. Competindo no sabor e na qualidade do produto com dona Filipinha, estava ela, Dona Ana, mãe da Boneca, esposa do Seu Joaquim que também vendia bolo de arroz e um delicioso arroz doce. E como não se lembrar de dona Isabel, mãe da Ceíça, da Bia, de Irênio e outros filhos. Casada com Seu Adilino. O casal tinha uma pequena venda em casa. Lá, eles vendiam abóbora, bananas, mandioca e outras verduras, frutas e leguminosas. Dona Isabel era mulher trabalhadeira, forte e determinada.

A abundância de água e de excelente qualidade que corria no Rio Areia era também usada para molhar as hortaliças, como por exemplo, os legumes e verduras da horta do Japonês que era muito conhecida no bairro.

Quem gosta de se levantar cedo, ir à padaria comprar o pão quentinho, isso era um privilégio para os moradores do Areia. Eles saíam atraídos pelo cheiro, sabor e pela crocância e com certeza, encontrariam esse alimento na Padaria do Senhor Cristino, pai do Nonato, e avô do Mauro, depois, com esse mesmo ofício, tivemos Seu Correinha, esposo de dona Sinhá e o filho do casal, Hernandez vendendo pão. Todos os dias ainda de madrugada entregavam os pães nas casas. Os pães eram colocados nas janelas das casas daqueles que tinham freguesia.

Dona Eva, do Seu Pedrinho Carroceiro, também tinha um minicomércio de café, bolos e doces e os Malaquias eram meninos que saíam pelas ruas vendendo pastéis numa cesta. Eles moravam ao lado do Pereirão.

Importante ressaltar que no Areia não havia comércio de prostituição. Ali predominava o trabalho. Cada um do seu jeito e o respeito a todos. Era uma comunidade familiar, onde todos se respeitavam muito.

OBS: Resumo de causos contados por: Cida, Toninho e Dorival